

MARCIO O GLOBO MOREIRA ALVES



de Brasília

A educação (III)

• Um é um gigante de quase dois metros de altura, descendente de austríacos, corpulento como um propagandista de cerveja alemã e tem um nome de origem iugoslava. A outra é miúda, vaidosa, faceira, é vidrada em estatísticas e usa uma visão de grande angular para olhar os problemas da educação nacional. Um veio da USP; a outra, da Unicamp. São duas peças fundamentais da equipe montada pelo ministro Paulo Renato.

Pedro Paulo Popovic, professor da Faculdade de Filosofia da USP, tem 30 anos de experiência na edição em massa de textos pedagógicos. Em dezembro de 1995, assumiu a Secretaria de Ensino à Distância, dois meses depois do lançamento do programa TV Escola, destinado às mais de 41 mil escolas primárias que existem no país com mais de cem alunos. Dirige, também, o recém-lançado programa de Informática na Educação, ProInfo, que pretende interligar computador e televisão em seis mil escolas.

Maria Helena Guimarães Castro, professora da Unicamp, foi quem organizou o TV Escola, quando secretária de Inovação e Avaliação Educacional. É hoje a diretora do Inep, encarregada da elaboração de estatísticas educacionais e da avaliação dos programas educacionais, entre outras atribuições.

rosidade dos antigos ideais educacionais tenha mobilizado o grupo.

Pedro Paulo Popovic resume o sentimento, quando declara:

— Sempre tive vontade de devolver alguma coisa para esse país, e essa me parece ser a melhor oportunidade que eu já tive. Estou fazendo um trabalho que tenho certeza de que é bom e me sinto muito bem por isso. E estou aprendendo muito. Estou tendo, depois de velho, de aprender coisas novas, que é o que mantém vivas as pessoas.

Começando em Teresina, Piauí, as antenas parabólicas, as TVs a cores e os vídeos já estão em 77,5% das 41.979 escolas urbanas com mais de cem alunos existentes no país. Cada kit, que custa R\$ 1.500, é comprado pelas secretarias estaduais ou municipais de Educação, com dinheiro do Fundo Nacional de Desenvolvi-

Uma das características da equipe do Ministério da Educação é a opção por terceirizar os trabalhos mais importantes. Observando há muitos anos a máquina federal, nela não confia. A avaliação da TV Escola, por exemplo, foi contratada com o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp, coordenado pela cientista política Sônia Draibe, e, na parte qualitativa, com uma equipe do Cesgranrio, chefiada por Ana Cristina Leonardos e Thereza Penna. Os programas que a TV Escola transmite são comprados no mercado nacional e internacional e apenas 20% são produzidos especialmente, fora do eixo Rio-São Paulo, com o objetivo de dar um sotaque regional à programação.

Outra característica é o prazer que sentem com o trabalho que realizam. Têm, quase todos, um passado político de esquerda, vivido tanto na esquerda ortodoxa do Partidão como na esquerda católica da Ação Popular (AP), ou, ainda, nas micro-organizações dos anos 70, como a dos trotskistas da Polop. Ora, uma das bandeiras das esquerdas sempre foi a universalização do acesso à educação. É esse um traço comum e universal, que vem tanto da esquerda não revolucionária do fim do século passado na França, onde Jules Ferry, ministro da Educação e, depois, presidente da República, não tinha preguiça de viajar grandes distâncias para inaugurar escolas, como da revolução de Cuba, o primeiro país latino-americano a erradicar o analfabetismo. Não surpreende, portanto, que a gene-

mento da Educação (FNDE), segundo especificações mínimas que são do conhecimento de todos.

Segundo a avaliação da Unicamp, a região mais atendida é o Centro-Oeste, com kits em 87% das escolas, mas mesmo no Nordeste eles estão em 68% das escolas.

No total, são 650 mil professores e 21,5 milhões de alunos em escolas com o kit. Trata-se do mais extenso programa de treinamento já tentado no Brasil.

O aproveitamento do equipamento é, como sempre, desigual. Apenas 61% das escolas que têm o kit funcionando fazem gravações, por terem recebido alguma forma de capacitação para operar os equipamentos. Em algumas escolas, o encarregado das gravações é um aluno, o que facilita a resolução de dúvidas. Os professores não têm vergonha de perguntar o que não sabem a um adolescente, mas hesitam em mostrar à diretora que não entendem de vídeo. Enquanto no Sudeste 72% das escolas gravam os programas, no Nordeste o percentual é de apenas 45%. As escolas dos municípios pequenos são as que gravam mais. Neles, as professores têm mais tempo.

Os campeões de audiência da TV Escola são os programas de ciências, de geografia e de história. As professoras têm dificuldade para absorver o conteúdo dos programas de português e matemática. A partir de outubro, surgiu outro campeão: o programa dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas isso é assunto para amanhã.

E-mail para esta coluna: alves@rudah.com.br